

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**A Cinemateca com o Doclisboa: Paul Leduc**  
**18 de Outubro de 2024**

**CRÓNICA DE UM REVENTÓN / 1985**

*Um filme de Paul Leduc*

Realização e Argumento: Paul Leduc

Produção: Televisão Mexicana / Cópia digital, colorida, sem diálogos / Duração: 28 minutos / Comercialmente inédito em Portugal.

**COBRADOR. IN GOD WE TRUST / 2006**

*Um filme de Paul Leduc*

Realização: Paul Leduc / Argumento: Paul Leduc, baseado em cinco contos de Rubem Fonseca / Direcção de Fotografia: Josep Maria Civit, Angel Goded e Diego Rodriguez / Música: Tom Zé / Direcção Artística: Alonso Pafyeze e Adriane Lemos / Som: David Bakhst, Lena Esquenazi, Toninho Muricy e Victor Alejandro Tandler / Montagem: Natalia Brushtein, Valentina Leduc Navarro e Juan Carlos Macias / Interpretação: Peter Fonda (Mr X), Lázaro Ramos (Cobrador), Antonella Costa (Ana), Milton Gonçalves (Zinho), Dolores Heredia (Angela), Isela Vega, Maya Zapata, Zezé Motta, Donald Ranvaud, etc.

Produtores: Agustin Almodóvar, Thierry Forte, Esther García, Liliana Mazure, Bertha Navarro, Juan Carlos Saralegui / Cópia digital, colorida, falada em inglês e espanhol com legendagem electrónica em português / Duração: 92 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

\*\*\*

Começamos por um exemplo do trabalho de Paul Leduc para a televisão mexicana. O primeiro dos seus dois contributos para uma série chamada *Con la Musica por Dentro*, dedicada às expressões musicais da Cidade do México (o outro contributo de Leduc, **Hurbanistorias**, sobre um “Bob Dylan mexicano”, será mostrado amanhã). **Crónica de un Reventón** é um filme muito simples – chamemos-lhe: um programa de televisão – que se detém numa espécie de reportagem sobre um concerto rock (um pouco punk rock, mesmo) algures na capital mexicana. O “twist” é que até recentemente havia no México uma “interdição” da música rock, pelo que o concerto representa uma explosão de uma liberdade recém-adquirida, ou recém-concedida. Por isso, mais do que o que se passa no palco, mais do que o registo das actuações, o que interessa é o registo do que se passa na assistência, a espécie de grande baile popular que reúne representantes de vários tribos urbanas, “góticos”, “punks”, etc. A atenção de Leduc aos seus rostos, aos seus corpos, aos seus movimentos, é inexcelsível, e “faz” o filme.

Passamos a seguir a algo de bastante diferente, a última ficção realizada por Paul Leduc, a sua única ficção no século XXI. É um filme estranho, de elenco bastante heteróclito (onde pontifica Peter Fonda) e oriundo de proveniências diversas, incluindo europeias (a *El Deseo*, dos irmãos Almodóvar, está entre as entidades produtoras do filme), assim como as paisagens são variadíssimas, da Cidade do México a Nova Iorque ou Miami, passando por zonas rurais e mineiras de localização não explicitamente especificada. Há uma relação forte com o Brasil, actores e personagens brasileiras, e sobretudo uma matriz literária brasileira, através do argumento baseado num conjunto de contos de Rubem Fonseca. Leduc, que já adaptara o cubano Alejo Carpentier em **Barroco**, acalentava há anos o projecto de adaptar os contos do escritor brasileiro. O onze de Setembro de 2001 (directamente evocado em pelo menos uma cena, com as imagens televisivas da implosão das Torres Gémeas) deu-lhe um enfoque histórico: **Cobrador** é muito um olhar sobre a violência global (sobre a “violência da globalização” ou a “globalização da violência”), a que se “vê” (como a do 11/9) e a que se não “vê” (a violência económica, a violência social), no clima daqueles anos muito marcados pelo atentado de 2001 e pela cadeia de violência que lhe seguiu.

É um filme estranho, como dissemos, com a sua estrutura cheia de derivas, uma “montagem” que alterna o andamento dos vários contos sem nunca escolher a linearidade absoluta, as suas personagens dadas quase em bruto, com um mínimo de definição dramática, as suas situações de uma violência quase absurda (logo a abertura: nunca uma consulta no dentista descambou em tal violência, nem mesmo no mais genialmente anárquico “filme de dentistas” que existe, o **The Dentist** de WC Fields) mas que se torna uma “metáfora” da relação norte/sul, primeiro/terceiro mundo, EUA/América latina, etc – e por aqui também se perde um pouco a relação com os contos de Rubem Fonseca, cuja violência tem frequentemente menos a ver com a acções do que com o modo como as personagens encaram ou justificam a violência das acções). É um filme de “activista”, até certo ponto, incapaz de evitar alguns clichés de representação do “(anti-)imperialismo”, um pouco singelo no seu esquematismo de “slogan” – curiosamente aproximável, quer nos temas quer na estrutura, de outro, e muito mais célebre, filme de um realizador mexicano estreado no mesmo ano de 2006: o **Babel** de González Iñárritu. Iñárritu cobriu-se de prémios, o filme de Leduc (que não é pior do que **Babel**) ficou bastante esquecido. O cinema tem coisas muito injustas.

Luís Miguel Oliveira